

A comida e o comer ocupam lugar central nas relações sociais e, já há algum tempo, isso tem despertado o interesse de várias ciências. Comida entendida para além de aspectos nutricionais, e o comer pensado a partir de contextos históricos, econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos. Em outras palavras, a comida e o comer a partir dos chamados “sistemas culinários” têm fornecido pistas para compreendermos como diversos grupos têm expressado suas identidades e se reinventado ao longo do tempo.

Acertadamente, como sugere alguns autores, a comida é uma das mais antigas expressões do sagrado e, por sua vez, objeto de culto. Ofertar comida às divindades estava relacionada não apenas à permanência e manutenção do grupo, mas era um ato de agradecimento àqueles e àquelas responsáveis pela fertilidade da terra, por exemplo. Nascia um dos primeiros conceitos, a comida como dádiva, presente dos ancestrais para a humanidade e presente desta para os mantenedores e mantenedoras do grupo. A segunda visão acompanhava a primeira; a noção de “comida como força vital” e, nesse sentido, uma espécie de hierofania do divino. Comer era assim “apropriar-se do corpo do sagrado”.

A história das religiões nos legou o registro de vários deuses e deusas que se dão em forma de comida, a fim de serem consumidos. A comida está ainda na origem de vários povos. Nas Américas, entre os povos originários, o milho e a mandioca se destacam; no Continente Africano, em alguns grupos da África Ocidental, o mesmo vale para o inhame, mas este Continente muito antes chamou a atenção através da fabricação de comidas e bebidas à base de trigo e outros cereais tendo como objetivo a imortalidade, ou a manutenção dos que nascem sempre vivos, isso porque além de noções como troca e força vital, a comida e o ato de comer estão impregnados de conceitos e visões de mundo, dentre eles a ideia de ancestralidade.

Seja nas religiões originadas dos povos americanos, seja nas oriundas das religiões tradicionais africanas, a comida é objeto central de culto. Um bom exemplo está nas comunidades tradicionais e povos de terreiro espalhados pelo Brasil. Nos terreiros de candomblé afirma-se que “tudo come.” Em outras palavras, tudo recebe

alimentos especiais capazes de manter os laços do sagrado com a comunidade por meio da renovação de algo que só pode ser conferido graças ao ato de comer. Assim, a comida está presente em todos os momentos destes espaços e perpassa os rituais de consagração das casas, objetos, indumentárias, pessoas etc. O nascer e o morrer são atravessados pelo comer e pelo beber juntos.

É o grupo social quem define o que é comida. Em linhas gerais, “comida é o que serve para se comer”, todavia, dentro deste sistema de classificação, há comidas que não se comem, a exemplo das chamadas interdições alimentares. Estas comidas estão relacionadas às identidades do grupo e dos indivíduos e encontram sempre explicações a partir das divindades ou da noção de sagrado, afinal nada mais domos do que “deslocamento de matérias ancestrais”

Esta edição tentou reunir experiências religiosas da América Latina a partir do tema: *Comida e Religião*, dando ênfase a rituais, cultos e práticas centradas na comensalidade, na comida em si e nas relações entre ela, a saúde, a festa, identidades, dentre outros temas. Falar sobre comida e religião é refletir também sobre relações políticas a partir de populações que historicamente passaram pelo genocídio, que foram escravizadas e invisibilizadas, mas que não obstante a isso, na contramão de tudo que o discurso colonialista alardeou, estão aí, comendo e bebendo, celebrando os seus ancestrais por meio de verdadeiros banquetes porque, desde cedo, descobriram que comida é força e que o comer está investido de poder, afinal, nada mantém-se vivo sem ele.

**Vilson Caetano**

**Denise Oliveira e Silva**